

## **PERCEPÇÕES DO NOVO NO CONTEXTO DE IMPLEMENTAÇÃO DO ENSINO MÉDIO POLITÉCNICO NO RS**

Luciana Bagolin **Zambon** – UFSM

Agência Financiadora: CAPES

### **Resumo**

Analizamos, neste trabalho, as percepções do novo manifestadas por professores e por coordenadores pedagógicos que vivenciaram a recente implementação do Ensino Médio Politécnico nas Escolas de Educação Básica do RS. Para tanto, realizamos entrevistas com professores do ensino médio e com coordenadores pedagógicos. A análise das informações coletadas permite sustentar a tese de coexistência de "duas escolas" de ensino médio com propósitos absolutamente diferentes, convivendo ambas em cada unidade escolar: uma que, essencialmente, continua trabalhando em favor de uma formação unilateral dos jovens, mediante um ensino meramente enciclopédico dos conteúdos das estruturas conceituais das áreas disciplinares; e outra que, claramente, começa a preocupar-se com uma formação mais ampla, integral dos jovens.

**Palavras-chave:** ensino médio politécnico, políticas educacionais, trabalho e educação.

## **PERCEPÇÕES DO NOVO NO CONTEXTO DE IMPLEMENTAÇÃO DO ENSINO MÉDIO POLITÉCNICO NO RS**

### **Introdução**

Atualmente, parece haver um consenso, tanto na literatura da área de pesquisa em educação, como nos meios de comunicação de massa, bem como nos discursos de professores e governantes, em torno da ideia de que o Ensino Médio constitui-se como a etapa de escolaridade básica que mais desafios enfrenta.

Temos acompanhado, nos últimos anos, uma ampliação na preocupação com essa etapa da escolaridade básica. De um lado, assistimos à consolidação de novas conquistas para o ensino médio, a partir da Emenda Constitucional nº 59 (2009), que instituiu, como dever do Estado com a educação escolar, a garantia de educação básica obrigatória e gratuita dos 4 aos 17 anos de idade, incluindo, portanto, o ensino médio

como obrigatório. Por outro lado, apesar dessas conquistas em termos de legislação, na prática assistimos, ultimamente, a um cenário preocupante no que se refere às altas taxas de reprovação e de abandono do ensino médio.

Diante desse contexto, o ensino médio enfrenta atualmente o desafio de ser incluído, na prática, como parte da escolaridade obrigatória para todos os brasileiros, garantindo-se a permanência dos estudantes, acompanhada da aprendizagem significativa dos conhecimentos selecionados em cada área disciplinar. Além disso, é preciso superar a finalidade meramente preparatória para ingresso no ensino superior, ainda atribuída ao ensino médio, mediante a elaboração de propostas curriculares que, de fato, atendam às necessidades de preparação dos jovens para uma atuação crítica e responsável.

Consoante com o enfrentamento de tais desafios, nos últimos anos, em âmbito nacional, foram definidas as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica (Res.MEC/CNE 4/2010) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (Res.MEC/CNE 2/2012). Essas propostas têm incentivado as Redes Escolares Públicas Estaduais, principais responsáveis pela oferta do ensino médio, a desenvolver propostas mais coerentes com o contexto brasileiro atual.

Neste sentido, a Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul (SEDUC/RS), no âmbito do governo Tarso Genro (gestão 2011-2014), procurando atender às exigências postas pela nova legislação nacional, desenvolveu um processo de implementação da "Proposta Pedagógica para o Ensino Médio Politécnico e Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio - 2011-2014" (RIO GRANDE DO SUL, 2011) em sua Rede Escolar. Atualmente, com a mudança de governo do estado, mantém-se, em princípio, o Ensino Médio Politécnico, embora não haja clareza sobre os rumos que esse processo de implementação da proposta tomará daqui para frente.

O processo de implementação da proposta de Ensino Médio Politécnico teve início a partir da apresentação e divulgação da proposta pela SEDUC/RS, em meados do 2º semestre de 2011. Consta como parte componente desta etapa de divulgação da proposta a realização de atividades nas escolas estaduais, com objetivo de discutir, com o conjunto de atores escolares, os aspectos característicos da proposta original. Todas essas atividades, com caráter indicativo e propositivo, estavam previstas para ocorrer entre os meses de outubro e novembro de 2011 e culminaram numa Conferência Estadual do Ensino Médio, realizada em dezembro desse mesmo ano.

Após esse processo de apresentação da proposta para as comunidades escolares, o processo seguiu até a emissão de Parecer (nº156 de 27/01/2012) pelo Conselho Estadual de Educação (Ceed/RS), o qual autorizou a implementação da proposta, seguindo sugestão da SEDUC/RS de iniciar essa implementação já no ano letivo de 2012, nas turmas de 1º ano e estendendo-se, no ano de 2013, para as turmas de 2º ano e, em 2014, para todas as turmas de ensino médio, das Escolas da Rede Escolar Pública Estadual do RS.

Portanto, o início do ano letivo de 2012 nessas escolas foi caracterizado por muitos questionamentos e pedidos de esclarecimentos por parte das escolas, o que de certa forma perdurou durante boa parte do ano, fundamentalmente, devido à insuficiência dos esclarecimentos e das explicações fornecidas (tanto no documento, quanto nas formações realizadas pelas equipes da SEDUC/RS) acerca dos princípios assumidos: *politecnia como princípio organizador do Ensino Médio* e *trabalho como princípio educativo*.

Na prática, foi proposta uma ampliação da carga horária para o Ensino Médio, passando de 800h (carga horária mínima anual instituída pela LDB) para 1000h anuais. Em termos de carga horária semanal, fixaram-se 30h-a, ao invés das 25h-a antes previstas. Foi proposta, também, uma reorganização curricular, incorporando à formação geral (composta de quatro áreas de conhecimento: Linguagens, Matemática, Ciências da Natureza e Ciências Humanas) uma parte diversificada, composta de duas Línguas Estrangeiras Modernas, Ensino Religioso e dos denominados “Seminários Integrados (SI)”, novo componente que compõe a grade curricular do Ensino Médio com uma carga horária semanal de 3h-a, nos quais se propõe a realização de projetos de pesquisa escolar. Além disso, mudanças na avaliação da aprendizagem dos alunos foram propostas, especificamente, no que se refere à expressão dos resultados do desempenho dos alunos, que passou a ser realizada por conceitos: construção satisfatória, parcial ou restrita da aprendizagem<sup>1</sup>.

### **Os Fundamentos da proposta: o trabalho como princípio educativo e a politecnia**

---

<sup>1</sup> O documento completo da "Proposta Pedagógica para o Ensino Médio Politécnico e Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio" está disponível no endereço <[http://www.educacao.rs.gov.br/dados/ens\\_med\\_proposta.pdf](http://www.educacao.rs.gov.br/dados/ens_med_proposta.pdf)>. Os limites de espaço para esse texto impedem uma descrição mais completa sobre a mesma.

A compreensão das razões que justificam considerar o trabalho como princípio educativo pode ser feita analisando a origem e a evolução da relação trabalho/educação. A partir dessa análise, é possível perceber, então, como se produziu, ao longo da história, a separação ou dissociação, que se apresenta na atualidade, entre esses dois elementos. Trata-se, portanto, de olhar para as formas de relação trabalho/educação historicamente construídas, buscando resgatá-las, como princípio a orientar o processo educativo, mediante uma apropriação crítica. Trataremos, brevemente, dessa questão.

Saviani (1989; 1994; 2003; 2007) resume com clareza a história dessa complexa relação. Esse autor situa a origem da educação num momento que coincide com a própria origem do homem, ou seja, no momento em que, como espécie, nos distanciamos dos animais, no sentido de atuar sobre a natureza, modificando-a para adaptá-la às nossas necessidades, ao invés de, como fazem os animais, adaptar-se à natureza.

Fazer isso, agir, intencionalmente, sobre a natureza transformando-a em função das necessidades humanas, ajustar a natureza às finalidades humanas, é o que se faz pelo trabalho. "Trabalhar não é outra coisa senão agir sobre a natureza e transformá-la" (SAVIANI, 2003, p.133). A essência do homem é, portanto, o trabalho, conclui Saviani, algo que não é dado, como dádiva natural, mas algo que é produzido pelo próprio homem e, sendo assim, significa que "o homem não nasce homem. Ele forma-se homem" (SAVIANI, 2007, p.154). Aqui localiza-se o papel da educação, responsável por formar o homem, e situa-se sua origem, junto da origem do homem (como espécie).

Como, ao longo de nossa história, a educação (responsável por formar o homem) se relacionou com o trabalho? Primitivamente, explica Saviani, educação e trabalho mantinham uma relação de identidade, faziam parte do mesmo processo: no processo em que produziam sua existência, atuando sobre a natureza e relacionando-se uns com os outros, os homens se educavam e educavam as novas gerações.

Ao longo do tempo, os diferentes modos de produção foram modificando a forma como os homens existem e produzem a sua existência. Modificou-se, também, a forma como, no âmbito desses diferentes contextos históricos, a educação se processa, consolidando-se a forma escolar que, de início, separou a educação do trabalho e a formação para o trabalho manual da formação para o trabalho intelectual.

É no sentido de superação dessa dicotomia entre trabalho manual e trabalho intelectual, entre instrução profissional e instrução geral, que se pretende instituir o *trabalho como princípio educativo*.

Resgatando esse sentido lato do termo trabalho, como intervenção consciente sobre o mundo, pretende-se que a educação escolar, e o ensino médio em particular, explicita o modo como o trabalho se desenvolve e está organizado na sociedade moderna, propiciando o domínio dos fundamentos das diversas técnicas utilizadas na produção, mas não objetivando o mero adestramento em técnicas produtivas.

Parte-se do pressuposto de que não existe trabalho manual puro e nem trabalho intelectual puro, pois

todo trabalho humano envolve a concomitância do exercício dos membros, das mãos, e do exercício mental, intelectual. Isso está na própria origem do entendimento da realidade humana como constituída pelo trabalho. (...) A separação dessas funções é um produto histórico-social e não é absoluta, mas relativa. (SAVIANI, 2003, p.138).

Entendendo o trabalho nesse sentido mais amplo explicitado anteriormente — ou seja, entendendo o trabalho como a produção da própria existência humana; como possibilidade de transformação da realidade natural e social; como dimensão fundamental da vida humana; como cultura, como atividade reflexiva; como fundamento do processo de elaboração do conhecimento (MACHADO, 1991, p.53) — Machado argumenta que é oportuna a discussão da *politecnia* no ensino médio.

A finalidade do ensino médio politécnico é, conforme Machado (1991), a compreensão teórico-prática das bases das ciências contemporâneas (ciências da natureza, ciências humanas e sociais), mas também a aquisição de capacidades para o jovem orientar-se no sistema da produção social, para decidir como irá se inserir neste contexto. Isso exige uma estrutura unitária do ensino médio, explica Machado, que supere a dicotomia entre ensino propedêutico e profissional, para não reproduzir no ensino a divisão de trabalho que ocorre no seio dos processos produtivos, entre concepção e execução (MACHADO, 1991, p.62).

Para Saviani,

A noção de politecnia diz respeito ao domínio dos fundamentos científicos das diferentes técnicas que caracterizam o processo de trabalho produtivo moderno. Diz respeito aos fundamentos das diferentes modalidades de trabalho. Politecnia, nesse sentido, se baseia em determinados princípios, determinados fundamentos e a formação politécnica deve garantir o domínio desses princípios, desses fundamentos. (SAVIANI, 1989, p.17)

Paolo Nosella, por seu turno, discorda dos educadores que pretendem, na atualidade, defender a politecnia, na medida em que se trata de posição teórica "historicamente ultrapassada". No texto "Trabalho e perspectivas de formação dos

trabalhadores: para além da formação politécnica" (2007), esse autor fundamenta sua crítica utilizando-se de razões de natureza semântica, histórica e política.

No que se refere às razões de natureza semântica, Nosella afirma que os defensores da formação politécnica "conferem ao termo "politecnicia" um conceito que transcende o sentido atribuído a essa palavra pelos dicionários, pela etimologia do termo, pelo senso comum letrado, pela história das instituições escolares" (NOSELLA, 2007, p.141)

Apoiando-se em Manacorda, estudioso dos textos de Marx e de Gramsci, Nosella nos apresenta as razões de natureza histórica que fundamentam sua crítica ao uso do termo politecnicia. Analisando enfaticamente os escritos de Manacorda, Nosella conclui que entre os termos "tecnologia/tecnológico" e "politecnicia/politécnico", apresentados por Marx, o segundo foi o adotado no contexto de experiência do socialismo real, mas o primeiro é o defendido por Manacorda, não por mera preferência, mas embasado em estudo de caráter filológico realizado sobre os escritos de Marx.

No que se refere às razões de natureza política, Nosella explica:

Na luta político-ideológica pela hegemonia as propostas devem ser apresentadas numa linguagem moderna e acessível basicamente a todos. Nem todo mundo é obrigado a realizar estudos de caráter histórico-filológicos para entender o termo politecnicia. Os bons dicionários são suficientes para os nossos interlocutores entenderem o que estamos dizendo. A não ser que consideremos a luta política um exercício de comunicação entre um restrito grupo de pesquisadores (NOSELLA, 2007, p.147)

Infelizmente, o espaço para essa discussão é limitado, o que restringe a discussão sobre esse tema, que, em última instância, remete para a questão da proposta para a formação da classe trabalhadora. Apenas para deixar registrado, Nosella assim se posiciona:

a expressão "onilateral" é feliz, porque conota o conjunto. Mais tarde, Gramsci utiliza o termo "unitário", que acrescenta ao conjunto dos aspectos educacionais a idéia de integração. Todavia, tanto a expressão "onilateral" como "unitário" acentuam o sentido quantitativo, isto é, que abrange *todos* os aspectos. Se indagássemos sobre qual seria a categoria fundante e estruturante da fórmula pedagógico-escolar marxista, eu creio que deveríamos recorrer à categoria antropológica de liberdade plena para o homem, todos os homens (NOSELLA, 2007, p.148)

A proposta do Ensino Médio Politécnico da SEDUC/RS colaborou para reacender o debate em torno do conceito da politecnicia. Porém, além das críticas trazidas por Nosella, também acreditamos que o próprio debate promovido não foi realizado de forma suficientemente clara, para estabelecer uma compreensão ampla sobre a proposta.

Considerando esse contexto, estamos realizando uma pesquisa que objetiva compreender o processo de implementação da proposta do Ensino Médio Politécnico. Neste trabalho, que se constitui como parte dessa pesquisa mais ampla, buscamos responder a seguinte questão de pesquisa: Que percepções do novo são manifestadas por professores e por coordenadores pedagógicos que vivenciaram a recente implementação do Ensino Médio Politécnico nas Escolas de Educação Básica do RS?

### **Procedimentos Metodológicos**

Para responder essa questão de pesquisa, utilizamos fontes de informação do tipo *sujeitos*, a saber: professores do ensino médio, professores do ensino médio, responsáveis por turmas de Seminário Integrado, e membros da equipe de coordenação pedagógica de escolas de educação básica. O instrumento de coleta de informação utilizado foi *entrevista estruturada* mediante roteiro de questões. Na condução das entrevistas, coube à pesquisadora a sensibilidade de conduzir a discussão, formulando, quando necessário, perguntas para explorar aspectos interessantes e/ou modificando a ordem e a formulação das questões, na medida em que isso foi percebido como necessário ou como mais proveitoso.

O universo potencial da pesquisa envolveu 20 Escolas Públicas de Educação Básica, pertencentes à abrangência da 8ª Coordenadoria Regional de Educação (8ªCRE), instância político-administrativa da SEDUC/RS, as quais participaram, no ano de 2013, de um Encontro de Professores de Seminário Integrado, promovido por um grupo de pesquisa de uma IES da região central do estado do RS. Mediante contato telefônico com a coordenação pedagógica dessas escolas, foram agendados encontros, nas escolas, para realização das entrevistas, durante os meses de outubro e dezembro de 2014.

Foram realizadas entrevistas em dezesseis (16) dessas escolas, pertencentes a onze (11) municípios diferentes da região central do RS, abrangendo, de formas distintas, professores e membros da coordenação pedagógica: duas (02) entrevistas com professores do ensino médio, quinze (15) entrevistas com professores do ensino médio, responsáveis por turmas de Seminário Integrado, e doze (12) entrevistas com coordenadores pedagógicos do ensino médio, totalizando 29 entrevistas. Essas entrevistas estavam previstas para serem realizadas individualmente, mas em três escolas, mais de um professor de seminário integrado participou da entrevista, a pedido dos próprios professores. Por isso, no total, vinte professores de seminário integrado

foram ouvidos. Dificuldades operacionais para agendamento das entrevistas impediram o acesso às outras quatro escolas previamente selecionadas.

Os roteiros de entrevista utilizados continham um conjunto de questões (entre 16 e 19, variando conforme a função dos entrevistados – coordenador pedagógico, professor de ensino médio, professor de seminário integrado), organizadas nos seguintes blocos: Mudanças decorrentes do processo de implementação da Proposta de Ensino Médio Politécnico da Seduc/RS; organização e desenvolvimento do trabalho escolar no contexto de implementação da Proposta de Ensino Médio Politécnico da Seduc/RS; avaliação do processo de implementação da Proposta de Ensino Médio Politécnico da Seduc/RS.

Neste trabalho, particularizamos a discussão para as respostas fornecidas para uma questão do roteiro, assim formulada: *Considerando sua vivência nesses últimos três anos de implementação dessa proposta, o que você considera que diferencia o Ensino Médio Politécnico da forma anterior de organização e funcionamento do Ensino Médio?* Em alguns casos, selecionamos, para análise, depoimentos dos entrevistados que se relacionam com essa questão e que foram fornecidas em outros momentos da entrevista.

Para proceder ao tratamento e análise das informações coletadas, utilizamos a técnica da *categorização temática* (GIBBS, 2009) e estabelecemos categorias de análise *a posteriori*, ou seja, como resultado de várias leituras das informações.

### **Constituição e Discussão dos Resultados**

A partir da análise dos depoimentos colhidos, estabelecemos seis categorias analíticas, utilizadas para construção e discussão dos resultados. É importante notar que algumas dessas categorias não são excludentes entre si e que, além disso, os professores entrevistados, como todos nós, seres múltiplos que somos, manifestam, em seus discursos, posicionamentos e pontos de vista por vezes divergentes; por isso, o número de ocorrências nas categorias não corresponde ao número de entrevistados.

Há um conjunto de 06 professores que vislumbram a possibilidade de se organizar o trabalho docente, no âmbito do Ensino Médio Politécnico, por grandes áreas de ensino, mediante aproximação de professores de diferentes componentes curriculares.

*[antes] era cada disciplina na sua área e cada disciplina desenvolvendo aqueles conteúdos, e eu acho que agora, com o ensino*

*médio politécnico, eu acredito que a gente tá se preocupando com o aluno inserido num contexto e as necessidades daquele aluno dentro desse contexto, (...) Então, é muito além de disciplina (...) (PSI04)*

*Nós estamos tendo uma caminhada para interdisciplinaridade que sonhamos, [o] que é falado há muitos anos, (...) e eu penso que nós estamos tendo essas oportunidades, agora, de trabalharmos dessa maneira que todos nós sonhamos (CP05)*

Esses depoimentos sinalizam, por um lado, uma aproximação com a perspectiva de organização curricular defendida pela Proposta do Ensino Médio Politécnico da SEDUC/RS, qual seja, a interdisciplinaridade. Por outro lado, em todos os depoimentos agrupados nessa categoria, percebemos um discurso que versa mais sobre uma possibilidade que começa a ser considerada nas escolas, sobre uma meta ou um objetivo a ser alcançado, do que sobre um relato descritivo de como isso tem sido implementado de fato. Isso não significa que os entrevistados estejam assumindo um discurso com significado vazio, mas que, a implementação efetiva de uma proposta que defende um trabalho docente interdisciplinar é sempre submetida à complexidade inerente ao trabalho escolar que, nesse caso, envolve a construção coletiva de uma compreensão sobre a interdisciplinaridade (caracterizada, na própria literatura, por uma diversidade ampla de significados), as dificuldades operacionais, práticas, com as quais se defrontam os professores cotidianamente, entre outros aspectos.

Em um outro extremo, está o posicionamento de um conjunto de professores (06) que não manifesta percepções do novo, na medida em que declaram não enxergar mudanças significativas no Ensino Médio Politécnico. Os depoimentos abaixo elucidam essa compreensão:

*A disciplina de seminário ela é, eu entendo hoje, ela é interessante e ela é bem importante dentro do ensino médio, só que não tá interagindo com as outras disciplinas, então ela fica meio isolada, as outras [disciplinas] ficam isoladas, então isso não mudou, mudou o nome do ensino médio, mas não mudou o sentido de [se] trabalhar em conjunto (...) (PSI03)*

*Muita pouca coisa [mudou], quanto ao que está sendo trabalhado agora muita pouca coisa, muita pouca coisa, porque a grande maioria das gavetinhas continuam, só que no final a gente faz um ajuste, né. (CP12)*

*Eu não vejo mudança significativa, até eu nem sei porque esse nome "politécnico", na verdade, porque, tipo, ele prepara pra alguma coisa? Não né? Eu acho que é só o nome né, (...) eu só vejo o nome "politécnico", não consigo ver ações (PSI05)*

Próximo desse conjunto, identificamos nos depoimentos de 08 professores uma percepção do novo centrada na inclusão dos Seminários Integrados na programação

curricular ou nas mudanças nos processos avaliativos, ou seja, centrada apenas nos aspectos mais concretos e "visíveis" da proposta do Ensino Médio Politécnico:

*(...) pra mim, eu acho que foi a questão dos seminários, [que] não tinha [antes] né... e esse negócio da nota... (PEM01)*

*[o ensino médio politécnico] se resume ao seminário integrado (PSI13)*

*Bom, o que é a diferenciação mais visível assim, a avaliação que deixou de ser por nota né... e passou por ser conceito, deixou por ser de disciplina e passou ser por área, além disso a gente conta com o seminário integrado que a gente não tinha antes. (PSI19)*

Para esses dois conjuntos de professores, portanto, a implementação do ensino médio politécnico parece não ter implicado em efetivação de mudanças estruturais no ensino médio.

Um fator que parece ter pesado na construção dessa percepção pelos professores é a própria incompreensão ou confusão gerada a partir do uso do adjetivo "politécnico", para caracterizar esse "novo" Ensino Médio, como pode se perceber nos trechos abaixo.

*Pra muitos professores isso ainda não ta claro, pros alunos muito menos e pros pais muito menos, porque todo mundo entendeu assim "politécnico vai ser um curso técnico que vai ser aplicado nas escolas e o filho, os alunos vão sair de lá formados e trabalhar" (PSI03)*

*(...) quando eu ouvi esse nome "politécnico" eu pensei que tinha alguma formação profissional assim... uma informática, por exemplo, (...) [mas] não, é só o ensino médio né, eu não sei porque colocaram [o nome] politécnico. (PSI05)*

*(...) a politecnia, até hoje eu não entendi bem a essência da coisa, [por]que "polis" é varias e técnicos né... são várias técnicas, alguma coisa nesse sentido né... então o nosso aluno não ta saindo com essa verdadeira realidade, de ser várias coisas, preparado realmente pra esse mercado de trabalho (PEM02)*

*quando começou o politécnico a ideia que se tinha é que era uma escola profissionalizante né, que o aluno ia sair formado em alguma... como se fosse um curso técnico (CP01)*

Além da argumentação insuficiente apresentada no documento da proposta e da formação precária fornecida pela SEDUC/RS para a compreensão da politecnia, os argumentos de natureza semântica apresentados por Nosella para criticar a defesa da politecnia na atualidade parecem colaborar para explicar essas confusões manifestadas pelos professores entrevistados. Para ele, "o senso comum letrado entende o termo "politécnico" com o mesmo sentido registrado nos dicionários" (NOSELLA, 2007, p.143), assumindo o sentido derivado da etimologia da palavra: *poly* (várias), *technique* (arte, habilidade), justamente como faz um dos professores entrevistados.

Por outro lado, 07 professores manifestam uma percepção do novo embasada na constatação de que estão ocorrendo mudanças positivas na postura dos alunos, conforme os depoimentos selecionados:

*[A diferença], eu acho... acho não, tenho certeza: um aluno mais participativo, um aluno que toma decisões, um aluno que percebe mais, um aluno que se posiciona mais, porque ele teve espaço pra fazer isso nessas aulas, teve espaço, ele não foi um mero ouvinte, como numa aula normal, que, normalmente, [dura] 50 minutos [em] que você [o aluno] tem que ouvir, porque o tempo tá correndo (PSI01)*

*o que eu te falei agora, que a gente ensina eles a raciocinar, a gente instiga eles, a curiosidade deles, que eles busquem, que eles tenham aquela vontade, que parta deles a vontade da mudança (...) uma maior autonomia, eu acredito que seja nesse sentido sim, autonomia deles, que eles conseguem ver que são capazes, a gente tenta mostrar isso aí pra eles (PSI08)*

*eles tiveram mais autonomia, certo? autonomia em fazer o seu aprendizado. [No] seminário [integrado] é bem claro isso, eles que constroem, eles que escolhem, e tu [o professor] é apenas... vai mediando a coisa (PSI20)*

Importante notar que esses professores se referem, basicamente, à postura dos alunos nos Seminários Integrados, postura que não se observa, do ponto de vista deles, nas demais disciplinas. Isso fica claro nas falas dos professores, especialmente quando um deles afirma que os alunos, no espaço do Seminário Integrado, não foram meros ouvintes, como costumam ser em uma "aula normal". Na chamada "aula normal" o aluno costuma ter a postura de ouvinte e ele assume essa postura porque ela lhe é imposta por um professor preocupado com o tempo que está "correndo", e com o conteúdo que precisa ser "vencido". O aluno também aceita essa postura porque compartilha de uma visão geral de senso comum que entende que, na escola, "professor fala e aluno ouve". Um aspecto que precisa ser mencionado aqui se refere à forte presença dos programas de exames vestibulares, os quais exercem grande influência sobre as definições das programações curriculares das disciplinas escolares do ensino médio em nossa região, como de resto no país em geral, e que acabam gerando uma certa obstinação em "vencer" todos os conteúdos, como fica claro na fala a seguir, de um professor de seminário integrado:

*Porque a gente entende que a disciplina de seminário integrado ela não pode ser trabalhada igual às outras, ela tem que ser trabalhada de maneira diferente, então, pelo menos, a gente tem esse respaldo, porque a gente não ia conseguir fazer isso na nossa disciplina e muito menos ia conseguir ficar tirando aluno de outras disciplinas pra preparar um teatro e ensaiar esse teatro, por exemplo, ou ficar um mês ensaiando teatro na disciplina de português, porque os pais iam cobrar conteúdo, até tu pode pensar: é expressão oral, é linguagem;*

*mas os pais e os alunos iam cobrar, porque o ensino médio, em [nome do município omitido], o ensino médio é preparar para entrar na universidade (PSI14)*

Temos, ainda, um conjunto de 08 professores, os quais vislumbram no novo a possibilidade de articulações mais efetivas entre a escola e a comunidade escolar, porém restritas no âmbito do desenvolvimento das atividades de Seminário Integrado:

*Ali [no Seminário Integrado] você trabalhou o que é uma pesquisa, você foi a campo, você foi ver, você foi a procura de pessoas pra responderem questionário pra ti, você foi ver que a partir... pesquisa se faz a partir de um pequeno problema, que problema você tem na comunidade? A partir disso você busca uma solução, e você só vai buscar uma solução... você vai gostar daquilo que tem significado pra ti e na questão do seminário integrado o aluno percebeu que o seminário trabalhou com coisas significativas da vida dele mesmo, não eram questões distantes, só conceituais, (...) quando que se fez isso [antes]? Nunca. (...) (PSI01)*

*é fazer o aluno olhar pra fora da escola, do lugar [de] onde ele vê (...) [a] sociedade, é olhar pra lá, identificar aquilo que aflige, [a] problemática que tem, trazer isso pra cá [pra escola], discutir, ver soluções, pra ele [o aluno] ser um agente de transformação, pra quando ele voltar ali pro seu cotidiano ele ter noção de onde ele tá pisando e ter noção de que ele tem autonomia e que ele pode modificar, começar pelas coisas mais reais que estão a sua volta e que ele seja uma pessoa... um cidadão mesmo, que participe (PSI04)*

A ideia que começa a ser manifestada por esses professores parece ancorar-se na preocupação com uma formação integral dos jovens, oposta à formação unilateral, focada apenas na transmissão dos elementos conceituais das áreas disciplinares. Uma formação que privilegie o desenvolvimento das dimensões éticas, estéticas, históricas, culturais do ser humano, que permita o direcionamento do olhar para a comunidade escolar, para a sociedade, entendendo que a "vida escolar" e a "vida cotidiana" não são dois extremos opostos de um continuum, mas aspectos interligados que podem ser mais bem explorados se os muros físicos da escola não se tornarem também muros simbólicos que impeçam relações proveitosas entre escola e família, escola e sociedade. O interesse, portanto, passa a ser a formação de jovens autônomos, criativos, críticos, participantes ativos, o que remete para as mudanças de postura do aluno, também apontadas pelos professores entrevistados e já mencionadas anteriormente.

Porém, para além dessas importantes sinalizações sobre mudanças positivas na postura dos alunos e sobre possibilidades de articulações mais efetivas entre a escola e comunidade, há um elemento que nos preocupa. Em ambas as categorias, assume centralidade as mudanças que foram efetivamente implementadas no âmbito dos Seminários Integrados e que não parecem, pelos depoimentos tomados, ser extensivas à

forma costumeira de trabalho desenvolvido nas demais disciplinas escolares do ensino médio.

Essa característica parece sinalizar a coexistência de "duas escolas" com propósitos absolutamente diferentes, convivendo ambas em cada unidade escolar: uma que, essencialmente, continua trabalhando em favor de uma formação unilateral dos jovens, mediante um ensino meramente enciclopédico dos conteúdos das estruturas conceituais das áreas disciplinares; e outra que, claramente, começa a preocupar-se com uma formação mais ampla, integral dos jovens.

*a maioria [dos professores] continua fazendo as mesmas coisas em sala de aula, mesma aula, do mesmo jeito de conduzir, de avaliar, e [por outro lado] temos o seminário, (...) o menino se torna mais livre ali, no seminário ele senta do jeito que ele quer, ele "pá, pá" vai lá e faz (...). (PSI20)*

A primeira "escola" se desenvolve no âmbito dos tradicionais componentes curriculares do ensino médio. A segunda "escola" restringe-se ao espaço destinado ao componente curricular seminário integrado. Curiosamente, essas práticas desenvolvem-se no âmbito do mesmo ensino médio politécnico.

No entrecruzamento dessas duas "escolas", se estabelecem embates entre aqueles que as defendem.

*Há um jogo... eu não sei se eu poderia te dizer assim ó quase que oculto de outros professores minando, [por]que alguns não querem mudar, é muito cômodo você não precisar mudar aquelas aulinhas estanques, é muito cômodo né? então, eu criei... não inimizades, mas olhares diferentes quanto a minha pessoa (PSI01)*

Diversos outros professores apresentam a mesma visão expressa nesse depoimento. Elas dizem ouvir de alguns pais, de alguns alunos e de alguns professores que o Seminário Integrado "não serve para nada", "não vai levar a nada", "é perda de tempo", é "encheção de linguiça", é "matação". Essas afirmações podem ser exploradas no sentido inverso: se seminário "não serve para nada", é de se supor que, desse ponto de vista, os demais componentes curriculares servem. Mas, a questão que levantamos é: servem para que? Que critério está sendo utilizado para essa classificação? Lamentavelmente, o que parece ser considerado é, basicamente, um critério utilitarista que defende a função do ensino médio como de preparação para a continuidade dos estudos.

A definição, nas escolas, de uma direção, de uma unidade de trabalho, pautada nos mesmos ideais de formação para os jovens, parece ficar ainda mais difícil nesse contexto de coexistência de "duas escolas":

*a dificuldade é isso: reunir os professores e ter, no caso, assim ó... [conseguir] que eles caminhem no [mesmo] caminho... ter uma luz, por exemplo, o caminho nosso é esse, essa é a nossa meta e seguir aquela meta, sabe? [por] que a gente conversa e acaba até concordando na hora, só que depois, na verdade é difícil, sabe? tu dispersa, (...) parece que a gente não sabe aonde vai chegar, não temos um rumo certo pra isso, acho que numa escola a primeira coisa que deveria ter é o teu rumo, sair daqui e chegar aqui, e acho que a gente tá meio perdido, não sei se é por causa do politécnico, (...) na verdade antes também já era meio assim, só que [com] o politécnico ficou mais complicado (CP02)*

Um agravante para essa situação consiste no fato de que mesmo para as atividades tipicamente realizadas no âmbito dos seminários integrados (realização de projetos de pesquisa escolar, apresentação das produções realizadas pelos alunos, elaboração de produções textuais, como projetos, relatórios, resumos, etc), entendidas, por alguns, como atividades que potencializam a formação de habilidades diversas (como a expressão, a oralidade, a capacidade de síntese, de construção de explicações, de posicionamento) e que contribuem para mudanças nas posturas dos alunos e para uma interação mais efetiva entre escola e comunidades (duas categorias anteriormente apresentadas), há também aqueles que, para essas atividades, atribuem um sentido meramente pragmático, utilizando-se apenas do critério de utilidade para justificar a permanência dos Seminários Integrados na estrutura curricular do Ensino Médio, qual seja, a de preparar os jovens para um melhor aproveitamento dos futuros cursos universitários que, pretensamente, frequentarão. Essa categoria foi construída a partir dos relatos de 08 professores. Selecionamos alguns desses relatos para sustentar esse nosso entendimento.

*[os alunos] que vão pro meio acadêmico, que lá se trabalha muito com a metodologia científica, eu acho que daí pode trazer uma dinâmica pra eles, uma visão mais ampla eu acho, pros alunos né, embora agora no momento eles não se dão conta disso (PSI17)*

*[o aluno] tá conseguindo chegar, por exemplo, assim..., ele apresentar um trabalho que ele produziu, porque daqui a pouquinho, quando ele sair do ensino médio e ir (sic) pra universidade, ele vai ter muito disso né... (CP02)*

*[a realização de pesquisas] tá sendo muito bom, porque depois eles vão ter que ter esse enfrentamento quando forem pra universidade ou até mesmo para trabalhos fora né, a gente vê que isso aí é um progresso pra eles, a desinibição, a apresentação em público, isso aí tá sendo um desafio muito importante. (...) o aluno sai do ensino médio com grande embasamento em relação à elaboração de projeto, à questão da metodologia da pesquisa, eu acho bastante positivo isso. (CP06)*

Essa preparação para um bom desempenho em cursos superiores ainda se reduz a aspectos restritos: realização de pesquisas, apresentação em público, utilização de normas ABNT.

Há, portanto, um conjunto expressivo de falas que permitem sustentar a tese de coexistência de duas escolas de ensino médio em uma mesma unidade escolar, uma que privilegia o ensino dos conteúdos conceituais das áreas disciplinares, muitas vezes, priorizando uma preparação para os exames vestibulares, outra que investe na perspectiva de desenvolver projetos de pesquisa escolar. Em alguns casos, esta última opção tem sido aplaudida e defendida por razões essencialmente utilitárias, entendendo que a participação dos jovens em atividades de pesquisa estaria ajudando a desenvolver neles habilidades que serão utilizadas nos seus estudos universitários.

Então, a preparação que o ensino médio politécnico oferece agora, para a continuidade dos estudos, não se reduz à preparação para ingresso na educação superior. Esta preparação continua "garantida" pela "escola" da maioria que ministra os componentes curriculares tradicionalmente estabelecidos na matriz curricular do Ensino Médio. A outra "escola" (a nova), por vezes incluiu e desenvolveu também a ideia de uma preparação de habilidades a serem utilizadas pelos alunos, quando estarão em curso de nível superior, ou seja, habilidades típicas de quem desenvolve pesquisa acadêmica.

## Referências

- MACHADO, Lucíola de S. Politecna no ensino de segundo grau. In: GARCIA, W.; CUNHA, C. da. **Politecna no Ensino Médio**. 1991. p.51-64. São Paulo/BR: Cortez. Brasília/BR: MEC/SENEB. (Cadernos SENEb, n.5).
- NOSELLA, Paolo. Trabalho e perspectivas de formação dos trabalhadores: para além da formação politécnica. In: **Revista Brasileira de Educação**. 2007, v.12, n.34, p.137-181.
- RIO GRANDE DO SUL, Secretaria da Educação. **Proposta pedagógica para o ensino médio politécnico e educação profissional integrada ao ensino médio 2011-2014**. Porto Alegre: SEDUC/RS. 2011. Disponível em <[http://www.educacao.rs.gov.br/dados/ens\\_med\\_proposta.pdf](http://www.educacao.rs.gov.br/dados/ens_med_proposta.pdf)>. Acesso em <28.jun.2012>.
- SAVIANI, Dermeval. O choque teórico da Politecna. In: **Revista Trabalho, Educação e saúde**. 2003, v.1, n.1, p.131-152. ISSN 1981-7746.
- SAVIANI, Dermeval. O trabalho como princípio educativo frente às novas tecnologias. In: FERRETTI, Celso J. et al (orgs.). **Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar**. 1994. Versão do texto disponível em <[http://ufpr.cleveron.com.br/arquivos/EP\\_104/dermeval\\_saviani.pdf](http://ufpr.cleveron.com.br/arquivos/EP_104/dermeval_saviani.pdf)>.
- SAVIANI, Dermeval. **Sobre a concepção de politecna**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ. Politécnico da Saúde Joaquim Venâncio. 1989. Versão do texto disponível em <<http://boletimef.org/biblioteca/2972/livro/Sobre-a-concepcao-de-politecna.pdf>>

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. In: ***Revista Brasileira de Educação***. 2007, vol.12, n.34, p.152-165. ISSN 1413-2478.